



Um mosaico textual: a correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade

A Textual Mosaic: Letters from Ronald de Carvalho to Mário de Andrade

Mirhiane Mendes de Abreu

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp, Brasil)

mirhiane.abreu@unifesp.br

Resumo: O objetivo deste ensaio é analisar a correspondência de Ronald de Carvalho (1893-1935) a Mário de Andrade (1893-1945) a partir dos instrumentais hermenêuticos inerentes ao estudo epistolar (sua pesquisa, edição e ato crítico-analítico). A proposta da leitura foi considerar os exemplares hoje preservados em relação à complexidade da década de 1920, às formas de narrar o modernismo e à multiplicidade de discursos ali enunciados. Assim, do conjunto de nomes, obras e temas recorrentes neste específico diálogo é possível formular a hipótese segundo a qual as cartas - mais do que simples depósito de informações – evocam os significados simbólicos centrais do programa modernista brasileiro.

Palavras-chave: Ronald de Carvalho; Mário de Andrade; cartas; modernismo; crítica.

Abstract: The aim of this essay is to analyze the correspondence between Ronald de Carvalho (1893-1935) and Mário de Andrade (1893-1945) based on hermeneutical instruments inherent to the epistolary study (the research, edition and critical-analytical act). The purpose of the analysis was to consider the materials currently preserved in relation to the complexity of the 1920s, to the modes of narrating modernism and to the multiplicity of discourses therein. Thus, from the set of names, works, and recurrent themes in this specific dialogue, it is possible to formulate the hypothesis that letters - rather than simple deposits of information – evoke the key symbolic meanings of the Brazilian modernist program.

Keywords: Ronald de Carvalho; Mário de Andrade; letters; modernism; critique.

1 Cartas pulverizadas: primeiras aproximações

Mário de Andrade e Ronald de Carvalho dialogaram. Corresponderam-se, discutiram, trocaram impressões, analisaram as obras um do outro. Hoje, essa proximidade está registrada unilateralmente nas cartas enviadas por Ronald de Carvalho ao autor de *Macunaíma*, o que assinala o contraste na conservação dos acervos pessoais de cada um. Acessíveis são apenas 17 cartas, preservadas pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), Fundo Mário de Andrade, série: Correspondência, subsérie: Correspondência Passiva. São os vestígios de um continente maior, um instigante desafio para a compreensão crítica do fluxo das experiências intelectuais dos anos modernistas e uma exposição da linha-mestra que percorre o manancial de possibilidades abertas pela epistolografia (sua pesquisa, edição e ato crítico-analítico), colocando-nos diante de alguns dos instrumentais hermenêuticos inerentes ao estudo epistolar, gênero que, nas palavras de Geneviève Haroche-Bouzinac, “integra uma massa documental mais ampla, que engloba os diários íntimos, cadernetas, peças de arquivo pessoal” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 24). Um mosaico textual – posso acrescentar – que relaciona essa correspondência específica a diferentes fontes primárias.

Dois nomes de relevo nos anos de construção do modernismo, Ronald de Carvalho e Mário de Andrade nasceram em 1893. Da sua parte, Ronald cumpriu uma trajetória de ascensão no *establishment* brasileiro já na primeira década do século XX. Em 1919, jovem diplomata, a Academia Brasileira de Letras lhe concedeu duplamente o seu prêmio máximo graças a *Poemas e sonetos* e *Pequena história da literatura brasileira*, livros produzidos num contexto em que versejar e redigir uma história literária equivaliam ao coroamento do homem de letras. Além disso, o fato de o autor ter o seu nome estampado entre os participantes de importantes revistas portuguesas – como *A Águia* (1914) e *Orpheu* (1915) – tende a sublinhar o roteiro deste escritor-diplomata, homem coberto por louros e por convívios internacionais e que esteve em sintonia com o seu tempo até sua morte precoce, em 1935.

Se em vida Ronald de Carvalho obteve muitas conquistas, seu acervo pessoal não conheceu a mesma trajetória. Excetuando a conservação dos manuscritos de parte de sua obra, o espólio de Ronald foi pulverizado pelo tempo e não há nele nenhuma das cartas que recebeu. O acervo pessoal de Mário de Andrade, por sua vez, teve outro destino:

cuidadosamente preservado, nele consta um conjunto das cartas enviadas por Ronald de Carvalho, cobrindo irregularmente os anos entre 1923 e 1928. Em face a um diálogo unilateral e para evitar o naufrágio da pesquisa, minha proposta inicial de leitura dos exemplares foi apontar, a partir dos temas e nomes recorrentes, um vocabulário dominante que assumisse os aspectos tangíveis das cenas modernistas tais como foram apreendidas pelos interlocutores. Este critério exigiu variedade teórico-metodológica e um mergulho nos arquivos pessoais de cada um deles, associando esta jornada ao exame da vasta correspondência de Mário de Andrade.¹ Neste contexto, importa assinalar, registrando um agradecimento aos familiares do autor, que pude consultar e organizar o acervo pessoal de Ronald de Carvalho, digitalizando-o e transferindo-o posteriormente para o Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), na Unicamp, onde esta pesquisa teve início.

Feitas essas observações preliminares, o objetivo deste ensaio é examinar a correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade, fundindo-a à multiplicidade de textos nela manifestos e problematizando as diferentes jornadas que compuseram as faces do modernismo brasileiro. Mais do que simples depósito de informações lacunares, emergem dessa específica correspondência os procedimentos e as representações próprios daquela dinâmica intelectual, além da evocação dos significados simbólicos que a escrita de cartas imprimiu ao programa modernista brasileiro. Dessa correspondência, sobressaem menções e análises de obras (*Epigramas irônicos e sentimentais*, *Toda a América*, *Pauliceia desvairada*, *Noturno de Belo Horizonte*, “Carnaval carioca”) e de revistas literárias, notadamente a *Klaxon*, dentre outros títulos. Além disso, expressa-se ainda uma espécie de “vocabulário dominante” (missão,

¹ Quanto ao critério metodológico, além das condições materiais da conservação das cartas, a abordagem que combina outros diálogos epistolares é inerente à epistolografia, segundo a caracterizou Geneviève Haroche-Bouzinac). Não mecanicamente, essa associação se ata ao tecido epistolar, que é um “objeto composto”, complexo, do qual emergem múltiplos discursos e posturas enunciativas. Lançando mão do raciocínio de Brigitte Diaz, em *L'épistolaire ou la pensée nomade*, não se trata de simplesmente seguir pistas dadas, mas de tentar compreender, nos vestígios desse discurso, o que as palavras enunciadas sustentam. No caso da correspondência enviada por Ronald de Carvalho a Mário de Andrade, isto equivale a perceber como os interlocutores dialogaram sobre os pressupostos e os caminhos heterogêneos do modernismo no Brasil (HAROCHE-BOUZINAC, 2016; DIAZ, 2002).

luta, revista, lirismo, colaboração, conferência, viagem e derivados) articulado a um tecido de sociabilidade (Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, neto, Blaise Cendrars, Emílio Soto, Álvaro Pinto, dentre outros). Entre os títulos, palavras recorrentes e nomes aludidos há uma relação de sentido que nos permite compreender a correspondência de Ronald de Carvalho conforme Brigitte Diaz definiu o gênero em *L'épistolaire ou la pensée nômade* (2002). Para a autora, as abordagens multiformes podem ser reunidas para identificarmos os protocolos da comunicação presentes na carta. Em linhas gerais, Diaz situa o exame investigativo da correspondência numa espécie de “labirinto metodológico” e ressalta a importância de abordagens plurais como decorrência do caráter igualmente plural do gênero epistolar, que pode ser conceituado como um documento, texto, discurso ou “um fazer”. Na verdade, continua a autora, o gênero epistolar engloba todos esses aspectos ao mesmo tempo.

Ocorre que nós admiramos a variedade do discurso epistolar não somente pela indefinição do gênero, mas porque ele opera novos olhares críticos sobre determinado tempo. Assim, a correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade está entrelaçada a toda discussão estético-cultural da década de 1920 e, a partir de uma leitura atenta, podemos dimensionar que os dois escritores possuíam muitos pontos de contato, talvez até maiores do que suas divergências. Eles conheciam a matéria das formas e práticas de vanguarda e se interessavam por fazer do Brasil tema central de suas produções. Esse diálogo pode trazer à tona os múltiplos roteiros que integraram as várias faces do modernismo brasileiro, quando, delineando uma lógica coletiva, muitos escritores acrescentaram às produções intelectuais a prática do debate epistolar.

2 Discursos entretecidos: um projeto coletivo em curso

“Tens todo um Brasil metido na alma, um Brasil que já me faz saudade do Brasil, e que eu levarei para fora com as minhas cuias de Aracati e sarapes de Querétaro.” (Carta de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade, 9 de setembro de 1925)

A correspondência de Ronald de Carvalho, de grande qualidade textual, ultrapassa qualquer consideração exclusivamente de escrita: trata-se, no mínimo, de estarmos diante de uma imersão nos acontecimentos, nos temas e nas questões do tempo, sejam estes poéticos, sejam referentes

ao campo literário. Em maio de 1923, Ronald de Carvalho estava se preparando para uma viagem rumo ao México, onde iria proferir uma série de conferências oficiais em prol da divulgação literária e cultural do Brasil. Em meio aos preparativos, redige a carta ao amigo abaixo transcrita:

Rio, 25 de maio de 1923

Meu querido Mario

Afinal, o embarque! Deixo com melancolia, embora por um momento, mercê de Deus, a nossa batalha. Queria dizer-te uma porção de coisas, mas o mundo de saudades que me enche o coração pesa demasiadamente sobre o meu espírito. Vou para outra batalha, certo de que esse duro sacrifício vai refletir de algum modo sobre a nossa Causa Modernista. Teu nome ressoará nas paredes de ouro e prata dos palácios astecas.

Ainda estou sob o sortilégio do teu *Carnaval*. Podes confiar na beleza dessa obra, onde a pura miséria cotidiana se mistura com a mais límpida intuição estética. Salvo pequenas passagens, em que eu desejara menos eloquência e mais Poesia, v. g. aquele hino que elevas a Deus, todo o poema é de uma frescura de águas desnevasadas. Infelizmente, a pressa das últimas horas impede-me de confiar-te todo o bem que eu penso do *Carnaval*. Ficará para mais tarde em oportuna ocasião.

Dá um abraço no Menotti, no Tácito, no Guilherme, no Luís Aranha, no Couto de Barros, em toda essa Corja Ilustre que salvará o Brasil! (Todos nós, desde o descobrimento, andamos a salvar o Brasil!).

Recebe tu o meu melhor afeto e os meus agradecimentos pela impetuosa alegria que me dá a tua amizade.

Teu Ronald

Mando-te pelo Correio o *Espelho de Ariel*.

De certo modo, o traço dominante das cartas de Ronald de Carvalho é o ato de viajar, um traço do seu perfil biográfico-intelectual desdobrado na construção poética e programática da década de 1920. Sua produção epistolar se inscreve e se institui, em grande parte, na circunstância de viagens oficiais e, nesta específica carta, o destino não seguia o roteiro Brasil-Europa, mas Brasil-América, expondo o senso de missão a que esse roteiro se referia. Divulgador externo da cultura brasileira, Ronald de Carvalho envolveu-se com a “Causa Modernista”

com fins programáticos e empregou termos retóricos, como a “batalha” ou o “duro sacrifício”, que são formas de absorção das atitudes de vanguarda e suas expressões que exprimem a maneira como leu a obra de Mário de Andrade, semeando nas cartas traços da memória da sua recepção. Assim, a partir deste exemplar, registram-se quatro componentes do sentido empregado por Ronald ao programa modernista conforme percebidos no conjunto desta correspondência: 1) a constituição de grupos; 2) a criação de obras atuais para o tempo com subsequente diálogo crítico sobre elas; 3) a incorporação de ideais de vanguarda sob a forma de difusão e, por fim, 4) um sistema de referências que compreende as possibilidades de universalização da cultura nacional a partir do mundo ibérico em geral (aqui, o mundo hispano-americano). São, em síntese, sentidos propensos à ação coletiva, a um registro crítico-memorialístico e às relações político-culturais, todos os sentidos em conformidade com a sua atuação naquele contexto.

A carta de Ronald de Carvalho acima transcrita pode ser interpretada como uma espécie de discurso memorialístico dos temas e dos problemas enfrentados na vivência dos anos de 1920. Neste exemplar, vemos pela saudação um indicador do caráter gregário do modernismo, em referência à “Corja Ilustre, que salvará o Brasil!” (Menotti Del Picchia, Tácito de Almeida, Guilherme de Almeida, Luís Aranha e Couto de Barros). São nomes cuja alusão carrega consigo dupla funcionalidade: evidenciar a existência de um contexto coletivo e, por consequência, validar a correspondência como instância comunicativa que fez do programa em curso objeto de conversação. Nas outras cartas conservadas são acrescentados nomes de intelectuais, artistas e pessoas cotidianas que compunham o círculo do emissor e do receptor; círculo este envolvido ativamente na difusão, recepção e constituição das obras e das polêmicas da época. São eles: os brasileiros Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Renato Almeida, Rubens Borba de Moraes, Paulo Prado, Prudente de Moraes, neto, Sérgio Buarque de Holanda, Couto de Barros, Oswald de Andrade, além da esposa de Ronald de Carvalho, Leilah Acioly Ronald de Carvalho; do lado estrangeiro, citam-se Emílio Soto e Manuel Gálvez, dentre os argentinos, e os europeus Blaise Cendrars, Antônio Ferro, Navarro da Costa e Álvaro Pinto.

Pensar a arte brasileira como parte integrante de uma mudança cultural que se processava no mundo era uma das tópicas dessa conversa, motivo pelo qual a troca de cartas funcionou como elemento dinamizador

da produção e recepção das obras, sendo também mecanismo de propaganda e difusão do que faziam. Esta perspectiva estava consignada na forma de apreensão e de vivência das vanguardas no solo brasileiro; apreensão e vivência que se efeturaram em observância à urgência de atualização cultural. Desse ângulo, cabe trazer para a análise a perspectiva de Eneida Maria de Souza, em “O discurso crítico brasileiro”, em que a estudiosa discute o problema da dependência cultural no Brasil frente aos países hegemônicos. Compreendendo o tema teórica e historicamente, a autora analisa a interpretação e a contribuição modernista dizendo:

A aceitação do descompasso entre modernização e transculturação como uma das condições de serem encarados os conflitos, no lugar de ignorados ou dissolvidos, é compartilhada por escritores que definem o nacional pelo viés da herança modernista de Oswald e de Mário de Andrade. A partir dos anos de 1930, o projeto modernista, ao vincular o conceito de nacional ao programa do Estado, irá passar pelo conflito entre a construção de uma memória nativa, local e os imperativos de uma cultura global, universal, trazida pela modernização, pela sistematização e pelo ordenamento racionalista do saber estatal (SOUZA, 2002, p. 57).

Esta citação nos interessa para pensar a especificidade desta correspondência porque, como diplomata exposto ao mundo, era familiar a Ronald de Carvalho o descompasso cultural entre o Brasil e os países que vinham definindo os modelos de ruptura, bem como as respostas dadas a isso pelos países vizinhos. Por sua vez, Mário de Andrade vivia o dilema da construção da nacionalidade e da atualização cultural do país, pautando-se pela leitura crítica das vanguardas europeias. Assim, a aproximação entre eles, construída por esse diálogo epistolar, decorre claramente da posição do intelectual daquele tempo, comprometido com a liberdade de expressão e com a superação do atraso cultural do país. Para melhor entendimento do que lhes era comum, é fundamental observar a perspectiva de Antonio Candido (1985), em “Literatura e Cultura entre 1900 e 1945”, em que o crítico expõe o sentimento dual como traço constitutivo da mentalidade intelectual brasileira, oscilante na dialética entre o local e o universal. Esse movimento pendular entre aqui e lá organiza a linha-mestra do diálogo entre o autor de *Toda a América* e o de *Macunaíma*. Secundando esse ponto de vista sobre a dialética entre o local e o universal como um traço da crítica brasileira, compreendo o diálogo estabelecido entre Ronald de Carvalho e Mário de Andrade

tendo em vista o modo como cada um estabeleceu seu próprio projeto intelectual e como cada um concebeu a individualidade do outro, porque esse pressuposto orientou o vínculo forte e duradouro que sustentou o debate entre eles.

Por isso, ainda que a imagem de Ronald de Carvalho tenha se esmaecido nos estudos dedicados ao modernismo por entendê-lo como um caráter enraizado na tradição oitocentista,² o exame detido do diálogo entre ele e Mário de Andrade permite sustentar a perspectiva segundo a qual havia múltiplos dilemas impregnando o ambiente intelectual na década de 1920. Em outras palavras: a heterogeneidade de ideias definiu o exercício crítico-intelectual naqueles anos. Assim, o que se constata, a partir da leitura desse diálogo epistolar, é a convergência entre distintos pontos de vista e isto corresponde à possibilidade de novas instâncias interpretativas, as quais estabelecem íntima relação entre o artístico, o cultural e o diplomático e não a exclusão de um pelo outro.

Encaminhada assim a questão e a fim de elucidar o problema, importa retomar dois episódios intimamente relacionados entre si e que, contidos na carta acima, formam uma espécie de paradigma do conjunto da correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade. Trata-se da leitura sobre o poema de Mário de Andrade, “Carnaval carioca”, e do envio do livro *Espelho de Ariel*, de Ronald de Carvalho.

Embora brevemente enunciada, a leitura sobre “Carnaval carioca” opera-se como parte do núcleo temático a respeito dos preceitos da nova poética e constitui-se como memória da sua recepção. Reunido no livro *Clã do jabuti* (1927), o poema “Carnaval carioca” capta, como numa fotografia, a imagem festiva e mestiça no espaço público de uma festa popular. Vendo-o pelo ângulo de uma consciência criadora, Ronald de Carvalho afirma que o poema condensa e expõe como “a mais pura miséria cotidiana [que] se mistura com a mais límpida intuição estética”, ângulo pelo qual considera a poética de Mário de Andrade. Esse comentário é

² A suposta ausência de uma “inquietação de vanguarda” – quer na obra poética, quer na ensaística – fez crer a alguns dos seus contemporâneos que Ronald de Carvalho se situava “do lado oposto”, para citar o título do polêmico artigo de Sérgio Buarque de Holanda, que o fixou, e também a Guilherme de Almeida, “do lado oposto” (HOLANDA, 1996, p. 224-228). Esta ideia norteou a perspectiva crítica adotada posteriormente sobre o autor, a exemplo de Antonio Arnoni Prado, que o entendia como pertencente a uma “falsa vanguarda” (PRADO, 2010).

um alicerce para as demais cartas em que Ronald interpretou os processos criativos e valores estéticos de Mário de Andrade, validando-os no âmbito da subjetividade, no espaço privado da carta. Na interação da conversa epistolar, a individualidade poética de Mário de Andrade ia pouco a pouco sendo elaborada. As considerações de Ronald sobre “Carnaval carioca”, além de incorporadas a posteriores desenvolvimentos em cartas futuras, mostram-se parte integrante do sistema de correspondência que Mário de Andrade construiu, formando uma espécie de “trama epistolar” em respeito às produções que estava experimentando na complexidade de suas inquietações artístico-intelectuais. Isso pode ser compreendido ao compararmos o teor da carta de Ronald a outras cartas enviadas por Mário de Andrade aos seus variados interlocutores. Em 10 de novembro de 1924, Mário de Andrade escreve a Carlos Drummond de Andrade, dizendo:

Eu conto no meu ‘Carnaval Carioca’ um fato a que assisti em plena Avenida Rio Branco. Uns negros dançando o samba. Mas havia uma negra moça que dançava melhor que os outros [...] Este é um caso em que tenho pensado muitas vezes. Aquela negra me ensinou o que milhões, milhões é exagero, muitos livros não me ensinaram. Ele me ensinou a felicidade (ANDRADE; ANDRADE, 2002, p. 48).

Mas, antes disso, em 22 de abril de 1923, escreveu para Manuel Bandeira:

Aqui vai o meu “Carnaval” e um discurso. Oscilo, hesito e tremo. O “Carnaval”... O Graça considerou certas partes dele: românticas. Sei que tem razão. Mas seria insincero comigo mesmo, se mais que a minha expressão, procurasse a orientação de escolas. [...] Mas o que hei-de-fazer? O que posso. E o que posso aí está. Lê e aconselha-me (ANDRADE *apud* MORAES, 2000, p. 88).

De destinatário em destinatário, Mário de Andrade expunha argumentos que alicerçavam criticamente sua teoria e sua maneira de se relacionar com o fazer poético em face do mundo que o rodeava e das referências textuais de que dispunha. Buscava colegas que o lessem e o problematisassem. Na correspondência de Ronald a Mário de Andrade, é possível mapear um rol de obras analisadas, a exemplo de *Amar, verbo intransitivo*, *Losango cáqui* e *Primeiro andar*. Assim, suas cartas não se esgotam num exemplo de sociabilidade ou num depósito de informações sobre *fait-divers* dos anos de 1920, mas exprimem as operações críticas

do ato de escrever cartas conforme se deram naqueles anos. Por isso, ao dissertarem sobre as próprias produções e/ou as dos outros, os escritores fizeram do espaço da carta um lugar de confluência de discursos híbridos, nos quais as propriedades do próprio discurso epistolar, da crítica e da criação se amalgamam numa reflexão explicitamente subjetiva e centrada no âmbito das questões modernas.

Assim, quando se percorrem as cartas enviadas por Ronald, notam-se certas coincidências na escolha dos seus assuntos. É, sobretudo, um missivista que se coloca na posição de leitor, tornando ativa a produção de Mário de Andrade. Por extensão, seu gesto é recíproco e submete sua obra ao olhar crítico do amigo. Isto se verifica tanto em menções a envios de obras, como em resposta aos comentários de Mário de Andrade subentendidos nas cartas enviadas por Ronald. O episódio referente ao envio de *O espelho de Ariel* alude a uma situação recorrente nessa correspondência: a partilha de produções. Na biblioteca particular do escritor paulista, hoje pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), localizam-se os seguintes livros da autoria de Ronald de Carvalho: *O espelho de Ariel*, *Luz gloriosa*, *Poemas e sonetos*, *Toda a América*, *Jogos pueris* e *Epigramas irônicos e sentimentais* (em português) e *Epigramas irônicos y sentimentales* (em espanhol), vários deles com dedicatórias. Por examinar a correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade a partir de um “mosaico textual”, parece-me coerente, especialmente pela materialidade unilateral do diálogo, correlacionar o conteúdo dessas cartas à biblioteca pessoal de Mário de Andrade. A partir da aproximação entre a correspondência passiva e o acervo contido na biblioteca mencionada, é possível ainda caracterizar a substância da experiência do diálogo entre eles como um exercício crítico-memorialístico, pois nessas páginas encontram-se as perguntas que esquadrinham as próprias atividades; esquadrinhamento este que proporciona a estrutura de um discurso individual imerso nos valores do projeto coletivo que abraçaram e torna as cartas capazes de contribuir para a memória dos debates modernistas acerca da criação e dos procedimentos que a alimentam.

Não é por acaso que se condensam ali aspectos da formulação crítica e memorialística. Ronald de Carvalho e Mário de Andrade são dois artífices do modernismo brasileiro que tiveram, em estudos analíticos posteriores, atenção inversamente proporcional. Do lado crítico, observa-se o arcabouço ensaístico da correspondência, em que são desenroladas

considerações a respeito da dinâmica criadora, sua ou do seu remetente.³ Do lado memorialístico, encontra-se, no cerne do debate crítico, o registro das primeiras impressões de obras dos companheiros de sua geração, além de questões editoriais, relações estrangeiras e as fissuras dissonantes. O que faz da correspondência de Ronald de Carvalho reunir aspectos da crítica e da memorialística é ser, em síntese, quase uma “crônica do tempo modernista” por registrar o caráter programático e polêmico daquele momento sob a ótica individual.

Assim, dentre suas muitas peculiaridades, a correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade permite-nos, hoje, uma imersão nos temas candentes do seu tempo, como se vê na carta escrita em 10 de fevereiro de 1926. Nela, Ronald, além de apresentar o pintor português Navarro da Costa ao amigo paulista e aludir ao envio de exemplar do seu *Toda a América*, aprecia *Losango cáqui*. Neste exemplar, Ronald de Carvalho elabora o conceito “lirismo do real” para compreender a poética de Mário de Andrade e organizar, comparativamente, o conjunto da produção do seu amigo:

Chamei a tua descoberta “lirismo do real”, e, sem a menor pretensão metafísica, parece que estou certo. A penetração contínua da realidade no teu movimento criador dá-lhe uma riqueza de substância maravilhosa. [...] Acho este poema uma das tuas mais felizes invenções. [...]

LOSANGO tem, sobre *Pauliceia*, a vantagem de ser livre de intenções. *Pauliceia* é um livro de poeta que se recorda, que se vinga, que insulta, que sofre, que, às vezes, se diverte.

Ronald, leitor-crítico de Mário de Andrade, registra as tensões do ato poético e criativo do amigo, sublinhando as dinâmicas do seu processo criativo (“penetração contínua da realidade no teu movimento criador”). Ao tocar nas questões centrais da relação de Mário de Andrade com a própria criação, o que faz é reconstituir, indiretamente, as marcas deixadas desde a *Pauliceia desvairada* na trajetória criativa e nos valores poético-

³ Em *Contrapontos: notas sobre a correspondência no modernismo*, Júlio Castañon Guimarães faz uma aproximação entre carta e artigo: “essa aproximação não se dá apenas por referência [...], mas na quase totalidade das cartas pelo fato de o texto destas vir a discorrer sobre os assuntos de interesse dos correspondentes. Em alguns casos mais extremos, a carta se confunde inteiramente com um texto ensaístico” (GUIMARÃES, 2004, p. 32).

críticos que presidiram o conjunto da obra do interlocutor. Importa ainda assinalar que este Ronald, o leitor de Mário de Andrade, observava também os demais contextos culturais e os comentava. Por isso, diante desta correspondência, entramos em contato com as repercussões de suas muitas viagens, quer a já referida ida ao México, quer ao Peru, quer, ainda, a outros lugares por onde andou e proferiu conferências divulgadoras da literatura e cultura brasileiras. Da reunião do ciclo de palestras proferidas, notadamente em território mexicano, lançou o seu livro *Estudos brasileiros* e o enviou a Mário de Andrade, como de costume. Em recepção bastante polêmica, as reações ao livro tornaram-no objeto de acalorado debate epistolar, formando uma trama que ata o nome de Ronald de Carvalho às principais hesitações vivenciadas nos fundamentos programáticos do modernismo. Pela sua materialidade, a correspondência de Ronald também expressa outras formas de diálogo capazes de construir nexos temáticos e possibilidades de leitura sobre os anos em que viveu.

3 Do retorno do México às tramas modernistas

Para um intelectual modernista, a viagem compunha o rol das descobertas processadas no conhecimento do eu, do país e do mundo, além de uma forma de experimentar a escrita, a exemplo de livros como o postumamente publicado *O turista aprendiz* (1976), de Mário de Andrade, ou ainda *Pathé Baby* (1926), de Alcântara Machado, e até *Toda a América* (1926), do próprio Ronald de Carvalho. Porém, ao levar a experiência da viagem para a correspondência, Ronald trata de percursos reais, a eles integrando a imagística do espaço em conformidade com sua forma de abraçar o programa modernista. Assim, escreve para Mário de Andrade em 24 de setembro de 1923:

Mário querido

Com a boca cheia do nosso Brasil, estou de novo aqui, com o martelo na mão para lutar. [...] O México foi feito por Deus. É a paisagem mais aristocrática do mundo! Só a França, só a Itália, só a Espanha falam assim à alma da gente. Para confirmar o que te digo, espero-te na rua Humaitá com a mais linda coleção de fotografias. [...]

Teu nome vibrou entre as pedras do século XVII, com um ritmo digno dos sinos e das aclamações. Teu livro foi amado e gozado

por mulheres lindas e está, a estas horas, de mão em mão. Meu livro está magnificamente traduzido: “*Epigramas Irônicos y Sentimentales*”! [...]

Como vamos de Arte? Mande as novidades. O ambiente do Rio = imponderável! Estou trabalhando para seguir via Roma. Onde está a *Klaxon*? Sabes que há no México eméritos colecionadores da nossa Revista?

Até breve.
Teu dedicado
Ronald

O sentido da viagem no cenário da carta é mais amplo do que mero assunto, é a própria substância do ato de escrever cartas. Ronald de Carvalho, o diplomata-*flâneur*, apropriando-se subjetivamente dos lugares, alarga os limites do gênero epistolar, articulando nele tanto o fato circunstancial, quanto a fixação da paisagem no projeto estético-político do modernismo brasileiro. Entre o espaço divinamente criado e o “martelo na mão para lutar”, Ronald impregna este exemplar de ícones da época (fotografias, livros, revistas) e compõe, acerca da divulgação da obra de Mário de Andrade em território mexicano, a acepção da universalidade do primitivo no tempo e no espaço (“teu nome vibrou entre as pedras do século XVII”). São temas da modernidade transformados em signos e, posteriormente, matéria-prima da composição poética e ensaística do emissor, de que são exemplos *Toda a América* e *Estudos brasileiros*.

Na carta e na bagagem, Ronald de Carvalho carrega a experiência do seu olhar sobre o outro, sobre o próprio lugar na construção da nova poética e sobre as formas de construí-la. No conjunto das escolhas temáticas que projetam o imaginário do tempo, a revista *Klaxon* é o assunto que se impõe. *Klaxon*, aquela “buzina literária”, na boa apreensão de Menotti Del Picchia (DEL PICCHIA, 1922), proclamada “atual e internacionalista” no seu programa, anunciava-se “não futurista” e com “alma coletiva” (BRITO, 1972, p. 2-3). Como Ronald e como Mário, *Klaxon* desejava ser atual e universal e não é por acaso que este “mensário da arte moderna” é assiduamente referido neste diálogo epistolar (“Onde está a *Klaxon*? Sabes que há no México eméritos colecionadores da nossa Revista?”).

“O alegre combate de *Klaxon*” – como diria Mário da Silva Brito (1972) em texto homônimo – esteve expresso no editorial do primeiro número e na variedade das seções de todas as demais edições. Os Klaxistas, como se dizia, pretendiam pensar a arte brasileira como partícipe de uma

revolução cultural que se processava no mundo, em consonância com o seu editorial-manifesto: “*Klaxon* cogita principalmente de arte. Mas quer representar a época de 1920 em diante. Por isso é polimorfo, onipresente, inquieto, cômico, irritante, contraditório, invejado, insultado, feliz” (BRITO, 1972, p. 3). Polimorfo como o aspecto da correspondência que leva para Mário de Andrade as viagens de Ronald de Carvalho pelo mundo. Polimorfo por si mesmo, que leva o mundo para suas páginas, seja por representações em outros países; seja através das colaborações de intelectuais estrangeiros e/ou de brasileiros em francês; seja, por fim, por alusões, citações e estudos.

Ronald de Carvalho e Mário de Andrade concebiam a *Klaxon* como uma experiência central da nova técnica. Em 9 de dezembro de 1923, mais uma vez a revista é retomada como assunto da conversa:

Ainda na cama, enfermo, com o peso de uma enorme tarde tropical sobre os sentidos lassos, recebi das mãos de um amigo a “*Klaxon*”. Li o teu artigo como quem bebe na folha do mato um pouco d’água matinal. Li-o e reli-o. Não me espanta a inteligência que puseste nele. A tua inteligência domina todos os ritmos do entendimento, todos aqueles números universais, como a de um sábio. Penetraste os meus motivos até onde era possível. [...] Brevemente escreverei sobre o movimento inacreditável que despertaste em São Paulo. Terei, aí, ocasião de “gritar” o que vales, meu querido e afetuoso Mario de Andrade.

No registro do periódico, formas de pensar e se comunicar foram assimiladas, fazendo circular obras, ideias e debates. À luz dessa constituição, Ronald de Carvalho foi lido no seu tempo, ora de forma positiva, ora gerando muita polêmica. Positivamente, Mário de Andrade lê Ronald de Carvalho e publica um artigo sobre *Epigramas irônicos e sentimentais* na *Klaxon*, n. 7, na seção “Livros e Revistas” (ANDRADE, 1922, p. 14). Da sua perspectiva, o poeta carioca – “curioso à procura de expressão” e “livre de preconceitos” – estava, a partir do referido livro, filiando-se às orientações do verso livre, mostrando-se “homem do seu tempo, de sua raça, de seu país”. Todavia, ele ainda acrescenta:

Mas, apesar dessa liberdade, Ronald de Carvalho não representa toda ânsia e tortura dos modernistas. [...]

Assim: enquanto estes se debatem, se ferem, tombam, talvez morrem na esperança de exprimir a atualidade, Ronald, no Rio,

como Guilherme de Almeida em São Paulo, tem a ventura de encontrar a perfeição, que só pode existir dentro da serenidade. [...] Ronald de Carvalho conseguiu, desde filiado à corrente modernista, apresentar um livro clássico [...] (ANDRADE, 1922, p. 14).

Mário de Andrade procura compreender o processo criativo de Ronald de Carvalho em *Epigramas irônicos e sentimentais* segundo seus próprios componentes materiais, deles destacando as motivações do escritor. Na carta de 9 de dezembro de 1923, acima citada, Ronald agradece o artigo e anuncia um estudo sobre o lugar que, da sua perspectiva, São Paulo e Mário de Andrade ocupavam no fomento à atualização cultural do país.

Como se vê, Ronald de Carvalho e Mário de Andrade foram sujeitos críticos um do outro. Estabeleceu-se entre eles uma correlação de leituras, cujo sentido e cuja permanência encontraram seus pressupostos no ato de escrever cartas. No entanto, pouco restou da materialidade desse diálogo. Essa situação não é meramente contingencial, porque a conservação do arquivo de um determinado escritor relaciona-se diretamente às noções de cânone e valor na história literária brasileira e os modos de narrar um determinado momento, no caso, o modernismo. Se hoje a publicação da *Pequena história da literatura brasileira* (1919) é um dos poucos testemunhos que restaram do prestígio do autor no seu tempo, a falta de conservação do seu acervo e a conseqüente perda das cartas ativas de Mário de Andrade testemunham o quanto a figura de Ronald se esmaeceu no horizonte da crítica especializada, assim como outras personagens e, sobretudo, outras visões que a pesquisa epistolográfica permite hoje revisitar.

Ao invés de apregoar injustiça ou pretender erigir novo cânone, constatar a dispersão das cartas de Mário de Andrade a Ronald de Carvalho e de outros possíveis exemplares ativos de Ronald funciona para nos chamar a atenção para um aspecto de dupla face. De um lado, a face geral da epistolografia – que lida com objeto nômade, retomando Brigitte Diaz (2002) – como atividade intrínseca à crítica literária contemporânea e que nos conduz às reflexões teórico-metodológicas centrais do campo dos estudos literários; de outro, a face da pesquisa específica sobre a correspondência de Ronald de Carvalho como ato crítico acerca do modernismo, pois através desta correspondência podemos problematizar as imagens cristalizadas, além de discutir e aferir o grau de ruptura e de tradição vivenciadas naqueles anos no Brasil, pois é um exame desse

teor que contribui para a releitura crítica da história literária. São os dois lados da mesma moeda que não incidem sobre vã polêmica, mas sobre as formas da narrativa da história literária tradicional, que pode ser reconfigurada pelo exame acurado em fontes primárias como são as cartas. Assim expostos o aspecto e o desdobramento da correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade, a unilateralidade do diálogo exige novas direções críticas segundo as possibilidades abertas pela leitura da correspondência do poeta de *Toda a América*.

4 Quando arquivos se entrelaçam

A proposta geral da leitura da correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade implicou, com a devida autorização dos descendentes do autor, a organização e o exame do seu espólio. No que ali se conservou, encontra-se um recorte de jornal, cujo teor já havia sido reunido por Marta Rossetti Batista, Telê Ancona Lopez e Yone Lima (1971) no livro *Brasil: 1º Tempo Modernista, 1917/29*, com o título “Os ‘independentes’ de São Paulo” e indicação de provável autoria de Ronald de Carvalho. Encontra-se também o manuscrito do mencionado estudo que confirma com exatidão a autoria de Ronald.

Com efeito, tal estudo é um diálogo com Mário de Andrade e com os eventos do modernismo, traçando para ele uma narrativa quase heroica, segundo o mesmo “modelo épico” usado na sua *Pequena história da literatura brasileira*. Importa esclarecer que a imagem da epopeia aqui empregada corresponde ao argumento proposto por Roberto Ventura⁴ e é muito pertinente para compreender o pensamento de Ronald de Carvalho como um todo. No estudo mencionado, ecoa a tópica do “mito paulista”, do “bandeirante cultural” e de outras qualificações discursivas que colaboraram para consignar as perspectivas triunfalistas do movimento. No contexto deste ensaio, o estudo de Ronald de Carvalho importa também porque retoma o fragmento acima transcrito da carta enviada em 9 de dezembro de 1923, que é, por sua vez, uma resposta à resenha de Mário

⁴ Roberto Ventura (1991), em *Estilo Tropical*, propôs uma interpretação da narrativa da história da literatura brasileira segundo um “modelo épico”. Isto quer dizer que a busca pela essência nacional teria introduzido o tom de epopeia, de continuidade ininterrupta na nossa crítica literária e, por consequência, na forma de narrar a história da literatura brasileira.

de Andrade sobre *Epigramas irônicos e sentimentais* publicada na *Klaxon* (“Brevemente escreverei sobre o movimento inacreditável que despertaste em São Paulo. Terei, aí, ocasião de “gritar” o que vales, meu querido e afetuoso Mário de Andrade”). Repisando o vocabulário dominante da correspondência que enviou ao amigo, Ronald afirma no estudo:

A vitória de *Klaxon* é digna de ser narrada, após a vitória da Semana de Arte Moderna. [...] Levantaram o martelo e começaram a malhar. Aos insultos, acudiram com o riso, largo e generoso, de pena e ironia. Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Rubens de Moraes, Sergio Milliet, Couto de Barros e poucos mais foram os da batalha [...] (CARVALHO, 1972, p. 32).

Mobilizando um conjunto de instrumentos inerentes a uma narrativa heroica e triunfante para interpretar os feitos do modernismo, tópica repisada pelos seus pares, Ronald de Carvalho confirma publicamente o ambiente intelectual apresentado em suas cartas. Nem tudo, porém, significou convergência de ideias e princípios nessa coletividade. Em 15 de setembro de 1924, Ronald de Carvalho escreve a Mário de Andrade anunciando, como de praxe, o envio do seu livro *Estudos brasileiros*, resultado de suas conferências proferidas no México. A configuração desta obra desagradou ao amigo paulista e recebeu uma resenha muito negativa assinada por Prudente de Moraes, neto e Sérgio Buarque, que a publicaram na revista *Estética* (HOLANDA; MORAES NETO 1996, p. 214). Deve-se informar que Ronald de Carvalho e seu livro foram tema de uma constelação de cartas que, lidas no contexto, permite que compreendamos a imagem deste escritor entre os pares como um todo e, especificamente, aos olhos de Mário de Andrade, que escreveu aos autores da resenha, a Manuel Bandeira (MORAES, 2000) e exaustivamente a Renato Almeida (NOGUEIRA, 2003), discutindo o tema. Além disso, expõe o quanto o autor de *Pauliceia desvairada*, *Macunaíma* e de outras obras emblemáticas do modernismo nutria concepções inovadoras, múltiplas e até contraditórias, mas capazes de orientar um discurso crítico que introduzisse um universo de comunicação entre os modernistas brasileiros e o público e, ainda, daqueles e o mundo, papel que, da sua perspectiva, Ronald de Carvalho cumpria muito bem.

Ao percorrermos o “sistema epistolar” de Mário de Andrade, observamos a assiduidade do nome de Ronald de Carvalho. Assim, o debate gerado a partir dos *Estudos brasileiros* traz à luz dos nossos

dias os conflitos estabelecidos e vivenciados naqueles anos em que os sentidos de cultura e, especificamente, de cultura brasileira foram bem examinados. Para bem dimensionar este debate epistolar que cerca o nome de Ronald de Carvalho e a recepção ao livro *Estudos brasileiros*, remeto ao artigo “Cartas e polêmicas: Ronald de Carvalho e as questões modernistas” (ABREU, 2016). Para os propósitos deste ensaio, importa que nos detenhamos em duas questões.

A primeira delas, já mencionada aqui, envolve os aspectos críticos da edição de cartas, que a evidencia como campo de pesquisa e coloca em circulação a memória textual dos debates modernistas então vigentes no país, delineando as diferentes visões e linhas de força que cooperaram com a construção da imagem do modernismo brasileiro. Além disso, na falta da materialidade das cartas ativas de Mário de Andrade a Ronald de Carvalho, a reconstituição do diálogo envolve outros arquivos e toda a “trama epistolar” que emana dos nomes, situações e confrontos contidos nos exemplares que restam da escrita de Ronald de Carvalho, lançando luzes sobre um momento de tão fundas polêmicas.

A segunda questão é o retorno ao diálogo epistolar interrompido. A polêmica ao redor do livro não foi pequena e Ronald de Carvalho suspendeu o envio de cartas, silenciando-se. Mas Mário de Andrade insistiu. Escreveu a Renato Almeida solicitando intermediação (NOGUEIRA, 2003). Somente em 9 de setembro de 1925, após mais uma carta do amigo do *Clã do jabuti*, Ronald escreve, amenizando a razão do seu silêncio, porque, dizia ele, carregava sempre o amigo em pensamento e que apenas não queria “passar recibo” das “cartas aborrecidas” do seu interlocutor. A quebra do silêncio, dizia ele, tinha dupla motivação: a leitura em voz alta para a esposa de *Noturno de Belo Horizonte*, coincidindo com o momento da chegada de uma carta de Mário de Andrade com poemas para a leitura de Ronald. A iniciativa para reaproximação fez Ronald escrever: “[...] Leilah ficou espantada com o encontro das nossas vontades e eu fiquei desapontado porque tu disparaste primeiro... Lembrei-me de te escrever porque ontem entreguei os originais do meu *Toda a América* ao editor [...]”. Uma carta longa que termina com a seguinte despedida: “Mário, Mário, Mário! Estou aqui a tua espera, com tudo o que possa haver de melhor em mim”.

Os amigos retomaram a conversa e o teor: análise de poemas um do outro, troca de livros, orientações. Ronald de Carvalho aconselhou sobre a publicação de *A escrava que não é Isaura*, orientando sobre

procedimentos e informando acerca das dificuldades editoriais por que passava Álvaro Pinto, intelectual português residente no Brasil que colaborou com a edição de muitas obras brasileiras, incluindo a revista *Terra de Sol*, de que foi diretor (SOUZA, 2008). Ele ainda apresentou a Mário de Andrade o escritor argentino Emílio Soto (ARTUNDO, 2013, p. 17-40) – “ele tem uma admiração por ti”, comenta Ronald na carta que envia em março de 1926 – e fez convergir para o espaço dessa correspondência uma galeria de personagens do Brasil e do mundo (a “Corja Ilustre” como se referia: Blaise Cendrars, Santos Chocano, Nicola de Garo e os mencionados Navarro da Costa e Emílio Soto). Lida em seu contexto, a correspondência de Ronald de Carvalho enuncia e identifica o cenário intelectual de 1920, deixando as marcas das suas fruições e oscilações, tecidos com os quais se urdiu a complexidade do movimento modernista brasileiro.

Enuncia mais: esta correspondência consiste num diálogo que apresenta como os interlocutores interpretaram a vida, a arte e o mundo do seu tempo e como articularam essa interpretação para o alcance dos projetos intelectuais individuais e coletivos. Encontramos ali mencionados artistas e obras (Victor Hugo; *Ballade de dames du temp jadis*, de François Villon; telas de Tarsila do Amaral), territórios (México, Peru, Paris, Roma, Portugal), circunstâncias (publicações, viagens, conferências, conselhos, polêmicas e até, no âmbito privado, comunicado de luto pelo falecimento do avô). Tudo isso numa conversa que durou no tempo, apesar das idas e vindas. Aproximações, mágoas e polêmicas embaralham-se nessa correspondência e a une a uma rede epistolar, entrelaçando arquivos pessoais de colegas da geração. Ronald de Carvalho e Mário de Andrade foram, na verdade, escritores que não viveram no mesmo plano todas as experiências do modernismo, embora neste tenham situado seus respectivos papéis em favor do que consideravam sobre ser um intelectual brasileiro em diálogo com o mundo.

O que se traduz dessa correspondência de que sobraram tão poucos exemplares é o entroncamento de duas vidas volumosas, concebidas distintamente sob o signo da atualidade e do desejo de levar o país para esse mesmo compasso. Esse diálogo incompleto, lido em seu contexto, expõe os índices de pluralidade que alimentaram a sensibilidade de poemas, prosas, compreensões críticas e debates, mediante os quais a vida e a criação desses dois interlocutores se estabeleceram. Entre os títulos, palavras recorrentes e nomes aludidos há uma relação de sentido

que nos permite compreender a correspondência de Ronald de Carvalho segundo o “labirinto metodológico”, de que falava Brigitte Diaz (2002). Assim, a correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade nos mostra que, envolvidos na discussão estético-cultural do modernismo, ambos possuem muitos pontos de contato, talvez até maiores do que suas divergências, como essa correspondência bem enuncia.

5 Algumas considerações

Para reunir os exemplares da correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade, pude contar com a pronta atenção dos funcionários do IEB/USP, que digitalizaram o material conservado no Fundo Mário de Andrade, e com os debates teórico-críticos e metodológicos ocorridos nos colóquios do projeto internacional *Artífices da Correspondência*, a que esta investigação acadêmica pertenceu em sua segunda fase. No entanto, atravessado o longo tempo de pesquisa e busca das peças que compõem esse gigantesco quebra-cabeça, a edição e o exame desse diálogo têm sido uma das tarefas intelectuais e acadêmicas mais intrincadas e complexas que já enfrentei. Afinal, o que temos em mãos é apenas uma parcela reduzida e unilateral de uma conversa maior. No entanto, conjugar os exemplares disponíveis à rede textual oferecida pelos enunciados ali expressos traz consigo as possibilidades abertas pela epistolografia, a qual esquadrinha as formas tradicionais de narrar um dado momento histórico-literário e amplia a compreensão de diferentes vetores que cooperaram com a participação de Ronald de Carvalho no processo do modernismo brasileiro. Em síntese, se o objetivo deste ensaio foi o de expor e pensar o mosaico de textos que se fundem às cartas de Ronald de Carvalho, examinando, através dele, os procedimentos e as representações daquela dinâmica intelectual, é porque, desse complexo epistolar, sobressaem menções e análises de obras, eventos e procedimentos artístico-intelectuais que assinalam os princípios centrais do programa à época em curso. Entrelaçando arquivos e cartas de outros correspondentes, o diálogo entre Ronald e Mário de Andrade goza do privilégio de expor a essência de um complexo de signos emblemáticos configurados pela carta. Por isso, o postulado coletivo do modernismo ganha particular relevância com a aproximação da individualidade de dois escritores formalmente tão díspares, porque ambos se empenharam arduamente na execução de um trabalho igualmente indispensável para eles e para o tempo em que viveram.

Referências

- ABREU, M. M. de. Cartas e polêmicas: Ronald de Carvalho e as questões modernistas. In: COLI, J.; GÁRATE, M. (Org.). *A arte da comparação: homenagem a Luiz Carlos Dantas*. Campinas. Editora da Unicamp, 2016. p. 109-129.
- ANDRADE, C. D. de; ANDRADE, M. *Carlos & Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Organização de Lélia Frota. Prefácio e Notas de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.
- ANDRADE, M. Epigramas irônicos e sentimentais – Ronald de Carvalho. *Klaxon*. Mensário de Arte Moderna. São Paulo, n. 7, p. 14, 30 nov. 1922.
- ARTUNDO, P. M. *Correspondência Mário de Andrade & escritores/artistas argentinos*. São Paulo: Edusp, 2013.
- BRITO, M. da S. O alegre combate de *Klaxon*. In: KLAXON: Mensário de Arte Moderna, edição fac-similada. São Paulo: Martins; Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Turismo, 1972. p. 2.
- CANDIDO, A. Literatura e Cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985. p. 109-138.
- CARVALHO, R. Os “independentes” de São Paulo. In: BATISTA, M. R.; LÓPEZ, T. P. A.; DE LIMA, Y. S. (Ed.). *Brasil: 1º tempo modernista, 1917/29*. Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. p. 32.
- DEL PICCHIA, M. Klaxon!. *Correio Paulistano*, p. 4, 17 maio 1922. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21141.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- DIAZ, B. *L'épistolaire ou la pensée nômade*. Paris: Presse Universitaire de France, 2002.
- GUIMARÃES, J. C. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
- HAROCHE-BOUZINAC, G. *Escritas epistolares*. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

HOLANDA, S. B. de; MORAES NETO, P. “Ronald de Carvalho – *Estudos Brasileiros*”. Revista *Estética*, de janeiro-março de 1925. In: PRADO, A. A. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 204-206.

HOLANDA, S. B. O lado oposto e os outros lados. In: PRADO, A. A. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 224-228.

MORAES, M. A. de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2000.

NOGUEIRA, M. G. P. *Edição anotada da Correspondência Mário de Andrade e Renato Almeida*. 2003. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PRADO, A. A. *1922 – itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a semana e o integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

SOUZA, E. M. O discurso crítico brasileiro. In: _____. *Crítica cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 47-66

SOUZA, R. dos S. M. *Convergências e divergências: revistas literárias em perspectiva*. 2008. 420 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

VENTURA, R. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Recebido em: 18 de março de 2018.

Aprovado em: 15 de maio de 2018.